

---

---

SEVERINO MILANÊS DA SILVA

---

---

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva

---

---

**HISTORIA DAS**  
**Três Princesas Encantadas**

---

---



---

---

Severino Milanês da Silva

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva

HISTÓRIA DAS  
**Três Princesas Encantadas**

---

---

Nos campos da Palestina  
o sol surgia dourado  
suas palhetas de ouro  
cobriam a relva e o prado  
envolvendo a natureza  
num manto todo azulado

O vento agitava o campo  
na folhagem cibilava  
na copa dos arvoredos  
o beija-flor rutilava  
a natureza tranquila  
nessa hora despertava

O passarinho saudoso  
soltava sua canção  
a brisa suavemente  
cortava na amplidão  
a noite deixava o dia  
em completa confusão

As abelhas nessa hora  
sugavam o nectar da flor  
as ovelhas pelos campos  
acompanhavam o pastor  
a natureza curvava-se  
aos pés do Criador

Nesta hora rica e santa  
três rapazes se achavam  
com três cachorros de fila  
nos montes se encaminhavam  
no pé duma grande serra  
há cinco dias caçavam

Um deles era Agripino  
era muito presunçoso  
o segundo era Maurilo  
um tipo pretencioso  
o terceiro era Agenor  
dos três o mais valoroso

Agenor era um rapaz  
de forte musculatura  
as feras ouviam o seu grito  
temiam a sua bravura  
tinha um metro e noventa  
centímetros de altura

Aonde Agenor caçava  
cobra corria assombrada  
o tigre perdia o salto  
leão deixava a morada  
qualquer fera que o enfrentava  
morria na sua espada

Um dia esses três rapazes  
saíram a uma colina  
em cima havia uma fonte  
jorrando água cristalina  
na sombra de um pinheiro  
de folhagem verde e fina

Eles descansaram ali  
gozando as horas suaves  
a fonte lhe oferecia  
suas águas impagáveis;  
todos três se divertiam  
com o gorgoeio das aves

Assim passaram dois dias  
então no dia terceiro  
Agenor disse: amanhã  
aqui quem chegar primeiro  
espera um pelo outro  
na sombra desse pinheiro

Agenor chamou seu cão  
partiu furiosamente  
Agripino acampou-se  
para o lado do nascente  
Maurilo tomou seu ponto  
para o lado do nascente

Com poucas horas Agenor  
lutava com um leão  
a fera estava faminta  
rolava pedra na mão  
voava terra no corpo  
fazia rombo no chão

O leão ergueu as jubaes  
ligeiramente pulou  
Agenor pulou de banda  
com a espada cravou  
o cão fez presa na goela  
num instante estrangulou

Agenor disse: eu agora  
vou um pouco descansar  
depois pegou a espada  
começou a esfolar  
da fera só quis o couro  
deixou a carne ficar

Então sem perca de tempo  
seguiu em busca da caça  
subiu a um grande monte  
viu em baixo uma fumaça  
ali havia uma pedra  
alva igual uma vidraça

Era uma grande pedra  
muito bem esquadrejada  
em cima havia uma marca  
de um modo bem desenhada  
a forma de uma porta  
parecendo uma entrada

Ele sentou-se na pedra  
contemplou a pradaria  
examinou bem a marca  
que naquela pedra havia  
lhe parecendo que ali  
alguem entrava e saia

Agenor olhava a pedra  
alva e bem calcinada  
fazia mil pensamentos  
terminavam todos em nada  
só lhe parecia ser  
uma cidade encantada

Ele ali mudou de vista  
sem ter um atenuante  
a marca que ele viu  
abriu-se naquele instante  
mas ele não presentiu  
essa passagem importante

Agenor pelo que viu  
ficou impressionado  
dizia dentro de si:  
será um reino encantado?  
de dentro vinha um perfume  
que o deixava embriagado

Santo Deus, que pedra é essa?!  
ele consigo dizia  
olhava todos os lados  
nada mais aparecia  
só via mesmo o desenho  
porta mais não existia

Nesta hora a noite vinha  
estendendo o negro manto  
Agenor ali deitou-se  
e a cão no mesmo canto  
como quem dizia ao dono:  
dorme, que eu te garanto

Ele dormindo sonhou  
que via um corpo suspenso  
de uma moça tão bonita  
de um poderio imenso  
que lhe dizia: Agenor  
eu ainda te pertença

No sonho ele perguntou-lhe:  
de onde vieste agora?  
tu és princesa encantada?  
ai disse sem demora:  
sou a princesa Esmeralda  
do Reino da Branca Aurora

Tenho mais duas irmãs  
de cabeleiras ondedas  
de formosuras tão raras  
com os anjos comparadas  
por causa dum cartomante  
estamos aqui encantadas

Esse infeliz cartomante  
pretendia a minha mão  
eu o recusei e ele  
pelo seu mau coração  
transformou o reino em pedra  
vivemos na solidão

Ele transformou nós três  
em três retratos somente  
nos colocou em um quadro  
ó coração de serpente!  
somos gentes sem ter vida  
temos vida sem ter gente

Até que apareça aqui  
um jovem bem destimido  
que entre de pedra a dentro  
luta e vença o tal bandido  
mas por capricho da sorte  
isto não foi sucedido

Neste sonho ele colhia  
da princesa o riso docê  
o cão ladrava na pedra  
e Agenor acordou-se  
tinha o dia terminado  
e a noite apresentou-se

Ele chamou o seu cão  
seguiu sem perder roteiro  
Maurilo com Agripino  
tinham chegado primeiro  
já lhe esperavam na fonte  
na sombra do pau pinheiro

Ele abraçou os colegas  
sentou-se instantaneamente  
Maurilo notou que ele  
estava com ar diferente  
tanto que até perguntaram  
se ele estava doente

Não estou doente, disse ele  
porem existe um motivo  
vou explicar a vocês  
não sei se é positivo  
o que passou-se comigo  
fiz-me ficar pensativo

Ele em poucos minutos  
narrou todo o ocorrido  
como matou o leão  
sem por ele ser ferido  
da pedra que encontrou  
e do sonho que tinha tido



— Sendo assim, disse Agenor  
será grande novidade  
amanhã nós seguiremos  
com a maior brevidade  
vamos olhar essa pedra  
tirar a realidade

Na manhã do outro dia  
seguiram então todos três  
até que viram a pedra  
com a sua polidez  
ainda estava mais bela  
do que a primeira vez

Viram uma marca na pedra  
a forma de um declível  
sem chave, sem cadeado  
pra eles aquilo era horrível  
só não viram mesmo o sonho  
porque isso era impossível

Eles concordaram ali  
achando que merecia  
dormirem na dita pedra  
e caçarem durante o dia  
para ver se de grandeza  
alguma coisa havia

Depois dessa concordata  
cada um se preveniu  
porem num fechar de olho  
a dita marca se abriu  
eles estavam em conversa  
nem um dos 3 presentiu

Quando eles viram a entrada  
 que na pedra a dentro ia  
 e um perfume suave  
 da mesma entrada saia  
 como que fosse um recinto  
 da mais alta burguesia

Maurilo disse: Agripino  
 a situação é seria  
 ou é reino encantado  
 ou é morada funéria  
 dos espiritos invisíveis  
 desligados da matéria

Agenor disse: agora  
 o que devemos fazer  
 é um cesto de cipó  
 e uma corda se tecer  
 se amarra o cesto com ela  
 e um dentro dela descer

Tira-se muitos cipós  
 um torce e outro repuxa  
 tece-se uma corda forte  
 forra-se o cesto com bucha  
 quem tiver coragem desce  
 quem for medroso é quem puxa

Concordaram e cada um  
 agarrou a sua espada  
 um cortava outro trazia  
 numa palestra animada  
 Agenor ficou na pedra  
 espreitando a grande entrada

Até que fizeram o cesto  
 que cabia uma pessoa  
 tecerem mais uma corda  
 sem fazerem coisa a tôa  
 com cem metros de tamanho  
 grossa, resistente e boa

Agenor disse consigo:  
 nem um de nós se aborrece  
 está feito o cesto e a corda  
 mas outra coisa carece  
 falta saber-se agora mesmo  
 dos três qual é o que desce

Agripino aí cismou  
 e ficou meditando  
 olhava para o buraco  
 via um abismo tão fundo  
 e disse logo: eu não desço  
 por todo ouro do mundo

Disse Maurilo: eu também  
 fico de fora e não entro  
 pode isso ser o inferno  
 quando eu chegar lá no centro  
 o diabo fechar a porta  
 e eu morrer queimado dentro

Agenor disse: eu desço  
 com a espada na mão  
 o que vier eu enfrento  
 alma, fantasma ou bução  
 se a corda não terminar  
 vou encostar no porão

Tenho estratégica de armas  
sou musculoso e possante  
eu de espada em punho  
não vejo quem me espante  
fantasma que não se esconda  
reino que eu não desencante

Quando eu descer no cesto  
para não me consumir  
dou um sinal a vocês  
pra quando eu quiser subir  
pego na corda e balanço  
puxem que quero sair

Está muito bom o sinal  
assim combinaram os três  
Agenor disse: eu desço  
confiado em vocês  
quando balançar a corda  
puxem o cesto duma vez

Cinquenta e cinco metros  
desceu na escuridão  
aí o cesto parou  
Agenor disse: então  
ou a corda terminou-se  
ou eu cheguei no portão

De fato, não enganou-se  
o que consigo pensou  
era um salão majestoso  
uma luz fina brilhou  
as belezas que havia  
aí o admirou

Em frente havia um portão  
de pilar bem construído  
preso por uma corrente  
de aço fino e polido  
por cima um cadeado  
por metal príncipe brunido

Tinha ricos atalhados  
cadeiras de finas palhas  
torneiras e lavatórios  
afiadores e navalhas  
bacias e saboneteiras  
jarros e porta-toalhas

Finas espreguiçadeiras  
quadros e ventiladores  
desenhos, fotos, gravuras  
champanhes, vinhos, licores  
espelhos e cristaleiras  
relógios despertadores

Bancadas de marfim puro  
de pilares arqueados  
mesa para refeição  
com pratos marmorizados  
talheres de prata e ouro  
de brilhante cravejados

Camas das mais importantes  
de madeira do Oriente  
acolchoados de sêda  
por um sistema imponente  
Agenor olhava tudo  
mas não via um só vivente

Agenor viu em um quadro  
três gravuras desenhadas  
de três princesas tão belas  
que estavam ali retratadas  
ali via-se os retratos  
mas elas estavam encantadas

Os retratos das princesas  
eram da tal raridade  
eram três corpos perfeitos  
três rostos de santidade  
eram três santas rezando  
nos pés de uma divindade

Devido a tanta beleza  
Agenor ficou tristonho  
das 3 princesas a mais nova  
tinha o semblante risonho  
disse ele: foi esta mesmo  
que me apareceu em sonho

Agenor sentia fome  
mas firme se conservava  
ai ouviu uma voz  
e uma sombra que passava  
dizendo: venha jantar;  
e nada mais lhe falava

Na mesa havia um cardápio  
Agenor pôde pegá-lo  
com esses dizeres assim:  
este reino é um regalo  
será feliz o cristão  
que vier desencantá-lo

Disse Agenor; sendo assim  
vou ver se a sorte me quer  
se eu não morrer descubra  
tudo que aqui houver  
sou moço estou preparado  
para o que der e vier

Quando Agenor terminou  
de fazer a refeição  
viu abrir-se em sua frente  
um grandioso portão  
de dentro saiu um monstro  
num bodejado do cão

Perguntou-lhe o monstro: quem foi  
que deu-lhe o atrevimento  
de transpor o que eu fiz  
sem possuir elemento?  
Agenor disse: cala-se  
tipo ruim e nojento

O monstro tinha as orelhas  
compridas e acabanadas  
a boca era uma cratera  
as presas bem aguçadas  
o dente menor do monstro  
tinha duas polegadas

Torna o monstro perguntar-lhe:  
de onde vem, tipo imundo?  
disse Agenor: é um homem  
que veio do outro mundo  
mas não aceito pilhéria  
de um tipo vagabundo

O monstro disse: comigo  
 hoje aqui não sai-se bem  
 da forma que é lá é cá;  
 Agenor disse também:  
 eu quero dar-lhe um purgante  
 que nunca dei a ninguém

Entre os 2 travou-se a luta  
 cada qual com mais bravura  
 disse Agenor: minha espada  
 onde bate corta e fura  
 doutor não passa receita  
 nem a medicina cura

sendo assim disselhe o monstro  
 pegou mesmo do meu jeito  
 meu alfange aonde passou  
 rasga da cabeça ao peito  
 médico não tem valor  
 remédio não tem efeito

Nisto uma voz feminina  
 ouviu-se naquele abrigo  
 dizia assim: Agenor  
 livra-me deste inimigo  
 que meu amor casto e puro  
 eu juro partir contigo

Quando Agenor ouviu  
 essa voz calma e fagueira  
 firmou-se no pé direito  
 deu-lhe um golpe na moelra  
 e outro no coração  
 calu aquela porqueira



O monstro caiu morrendo  
mole que só uma papa  
disso Agenor: minha espada  
faz buraco e ninguém tapa  
passel o primeiro risco  
venci a primeira etapa

Quando o monstro caiu morto  
a voz lhe disse: Agenor  
és feliz porque mataste  
esse monstro traidor  
já podes dizer que és  
herdeiro do meu amor

A mesma voz lhe dizia:  
não tem que se encomodar  
desde o princípio a vitória  
nada aqui há de faltar  
tome banho, troque a roupa  
e depois vá descansar

Agenor ouviu bater  
seis horas no carrilhão  
ele entrou no banheiro  
banhou-se a satisfação  
trocou de roupa e sentou-se  
na mesa da refeição

Depois da ceia Agenor  
ouviu a mesma voz sonora  
dizer-lhe: é bom sair  
não convem fazer demora  
a sua cama está feita  
vá dormir que já é hora

Agenor disse: ó Deus  
 o que será que acontece?  
 ouço a voz não vejo o vulto  
 do ente que me conhece!  
 a voz disse: é muito cedo  
 quando for tempo aparece

Agenor entrou num quarto  
 viu uma cama sem dono  
 uma cortina de sêda  
 parecendo ser um trono  
 dessas que a gente se deita  
 dorme sem está com sono

Quando Agenor deitou-se  
 naquela cama macia  
 a sombra de uma mão  
 desligou a luz que havia  
 o silêncio tomou conta  
 do mistério que havia

Quando desligou a luz  
 Agenor teve um sobroço  
 porque sentiu o contacto  
 de um braço roliço e grosso  
 e uma mão perfumada  
 que passava em seu pescoço

Ai ele adormeceu  
 até quando se acordou  
 que braço grosso era aquele?  
 foi logo o que se lembrou  
 e que mão seria aquela  
 que em meu pescoço passou?

Que lugar misterioso  
tem tudo e sem movimento!  
aqui a brisa não passa  
nem sequer forceja o vento  
é certo que existe luz  
mas não a do firmamento!

Agenor estava pensando  
naquela situação  
quando jogaram um anel  
que bateu na sua mão  
brilhava igual um estrela  
de um constelação

Era um grande talismã  
cravado com três turquezas  
e umas letras dizendo:  
faça estas três defesas  
risque o anel nos retratos  
que desencanta as princesas

Ele pegou o anel  
as três turquezas brilharam  
riscou o anel nos quadros  
todos três se transformaram  
em três princesas tão belas  
a seus pés se ajoelharam

A primeira era mais alta  
chamava-se Enequina  
a segunda era Odete  
era uma imagem divina  
a caçula era a mais bela  
justamente era Esmerina

Disse Esmerina: eu te vi  
 quando tu foste chegado  
 eu cheguei lá transformada  
 te vi na pedra delgado  
 tu pensavas que era sonho  
 porem estava acordado

Disse Esmerina: Agenor  
 eu assisti o momento  
 que tu mataste o monstro  
 sem ter esmorecimento  
 eu tirei-lhe o anel do dedo  
 e segui pra meu aposento

Por meio deste anel  
 que joguei na tua mão  
 o monstro nos transformou  
 sem a menor compaixão  
 enquanto o monstro com vida  
 ninguém aqui tinha ação

Este anel na minha mão  
 não tinha valor de nada  
 se eu riscasse os retratos  
 seria mais castigada  
 dobrava mais o encanto  
 ficava mais encantada

O monstro matou meu pai  
 porque casar eu não quis  
 com este ódio o monstro  
 transformou nosso país  
 nos encantou nos retratos  
 aquele instinto infeliz

Estamos desencantadas  
a ti a vida devemos  
mas o reino está em pedra  
é toda riqueza que temos  
e pra desencantar tudo  
o mistério não sabemos

Disse Agenor: que me importa  
de ter me sacrificado  
pra desencantar vocês  
sair daqui arrasado  
o teu amor, Esmerina  
vale por todo reinado

Porem Esmerina tinha  
quatro pedras de brilhante  
num cofrezinho de ouro  
cada qual mais ofuscante  
que trocadas por moedas  
dava uma soma importante

Disse Agenor: agora  
nós vamos sair daqui  
primeiro eu mando vocês  
naquele cesto ali  
e depois eu por derradeiro  
vou subindo de persi

Com estas frases Esmerina  
beijou-o com mais pudor  
mas devido aquele beijo  
ser dado com tanto amor  
quase que deixava os lábios  
na cara de Agenor

Ele pegou Esmerina  
sentiu um prazer infundo  
botou-a dentro do cesto  
ela sentou-se sorrindo  
aí balançou a corda  
lá vai o cesto subindo

Para encurtar a história  
assim subiu todas três  
ele ficou esperando  
com a sua placidez  
porem leitor, Agenor  
enganou-se desta vez

Quando Agripino e Maurilo  
viram aquelas feições;  
disseram: são três imagens  
que vêm de outras regiões;  
uma maldade satânica  
atacou-lhes os corações

Maurilo disse: Agripino  
vamos levá-las pra gente  
não se desce mais o cesto  
Agenor lá se aguente  
se ele quis esse princesa  
tinha subido na frente

Disse Esmerina: Maurilo  
não seja assim tão tirano  
não deixe Agenor ficar  
por nosso Deus soberano  
quem tem um coração desses  
prova que não é humano

Matem a mim mas não deixem  
ele em tal tirania  
antes eu tivesse encantada  
para mim melhor seria  
de que deixar Agenor  
sofrendo tanta agonia

Mas eles não atenderam  
aquela reclamação  
conduziram as três princesas  
sem atenderem razão  
elas choravam que as lágrimas  
enodoavam o chão

O cachorro de Agenor  
amigo leal e fino  
acompanhava as princesas  
naquele bosque ferino  
nunca perdeu o roteiro  
de Maurillo e Agripino

Ficou Agenor ali  
quase a perder o sentido  
não via o cesto descer  
disse: já sei, fui traído  
por aqueles dois covardes  
tudo que fiz foi perdido

O que Agenor encontrou  
o leitor está ciente  
quando as princesas subiram  
mudou tudo de repente  
transformou-se tudo em pedra  
restava uma luz somente

Comida mais não havia  
mesa mais não encontrou  
cama desapareceu  
ele aí desanimou  
só lhe restava a ossada  
do monstro que ele matou

Infames! disse Agenor  
morrerei nesse castigo  
ah! se eu ainda soubesse  
de dentro desse perigo  
vocês pagavam-me caro  
o que fizeram comigo

Nesse momento Agenor  
uma grande porta viu  
adiante era uma sala  
de onde o monstro saiu  
ele pegou a espada  
para lá se dirigiu

A sala era onde o monstro  
estava de noite e dia  
era um grande reservado  
que todo mistério havia  
aonde havia dois líquidos  
que ninguém os conhecia

Um líquido rôxo outro verde  
em dois vidros reservados  
uma rotulagem fina  
e todos dois bem selados  
e as receitas indicando  
os seguintes resultados:



O roxo dizia assim:  
se quer encantar alguém  
jogue 1 pingo deste liquido  
naquilo que lhe convem  
transforma qualquer reinado  
encanta tudo que tem

No liquido verde se lia  
o seguinte resultado:  
derrame um pingo deste  
que aonde for espalhado  
verá se desencantar  
tudo que está encantado

Dizia a mesma receita:  
essa droga é muito fina  
mas ele só faz efeito  
como a receita ensina  
se os vidros forem abertos  
pela princesa Esmerina .

Agenor leu a receita  
ficou mais desanimado  
—Esmerina aqui não está  
morrerei aqui trancado  
só vós grande Deus me salva  
deste abismo desgraçado!

Ora leitor, as princesas  
muito longe já estavam  
as lembranças de Agenor  
eram setas que furavam  
cada lembrança era lágrimas  
que dos seus olhos rolavam

Porém 2 príncipes da Grécia  
traziam como sigillo  
uma embaixada a um rei  
nas margens do Rio Nilo  
fora encontrando as princesas  
com Agripino e Maurilo

Assim que as 3 princesas  
os 2 príncipes avistaram  
quase loucas e assim mesmo  
com elas se abraçaram  
os príncipes não esperavam  
com isso se admiraram

Os 2 covardes com raiva  
aos príncipes se dirigiram  
as princesas esmoreceram  
e sobre a terra caíram  
nisso a batalha engrossou  
e as espadas tiniram

Dos príncipes não se sabia  
qual seria o mais forte  
se uma espada era boa  
a outra tinha bom corte  
já na Grécia eram chamados  
pela "Coluna da Morte"

O cachorro de Agenor  
aos 2 príncipes ajudava  
partia para os covardes  
trincava os dentes e rosnava  
aonde batia a presa  
era 1 taco que arrancava

Dentro de poucos minutos  
estava terminada a luta  
os dois covardes morreram  
na batalha absoluta  
tiveram a recompensa  
da ação péssima e bruta

Muito difícil era agora  
leitor, dos príncipes encontrar  
aonde Agenor estava  
como podiam acertar?  
a princesa não sabia  
o roteiro pra voltar

Ficaram as princesas salvas  
mas triste por outro lado  
elas contaram aos príncipes  
tudo quanto foi passado  
dos covardes a tirania  
que haviam praticado

O cachorro festejava  
os príncipes com tal carinho  
pra onde estava Agenor  
ele botava o focinho  
como quem dizia: vamos  
que eu te ensino o caminho

Disseram os príncipes este cão  
conhece bem o lugar  
aonde Agenor ficou  
ele é capaz de ensinar  
ele indo em nossa frente  
é muito fácil acertar

O cachorro ouvindo isto  
com os príncipes se abraçava  
lá perto das princesas  
cheirava os mantos e pulava  
botava o focinho no chão  
na frente deles marchava

Os príncipes que viajavam  
em dois camelos torçosos  
montaram as três princesas  
com seus braços valorosos  
seguiram em busca da pedra  
vencendo montes escabrosos

Gigante velho cachorro  
não perdia a direção  
não falava mais latia  
dando uma compreensão  
que ia bem satisfeito  
cumprir a sua missão

Os príncipes também seguiam  
pelo cachorro guiados  
junto com as 3 princesas  
destros e bem animados  
cortando as relvas rasteiras  
dos campos aureolados

O horizonte surgia  
naqueles campos azuis  
nas terras da velha Ásia  
terra de fonte e de luz  
pátria na família santa  
aonde nasceu Jesus

Afinal com muitas leguas  
 na viagem agonizante  
 no ramalhar das palmeiras  
 naquele bosque constante  
 avistaram a dita pedra  
 alva, grande e deslumbrante

O cachorro viu a pedra  
 tornou-se ainda mais ativo  
 aumentava mais o choto  
 no roteiro positivo  
 talvez consigo dizendo:  
 meu senhor estará vivo?

Dalí a poucos minutos  
 da pedra se aproximaram  
 devido a tanta beleza  
 os principes se admiraram  
 o cesto estava de forma  
 que os covardes deixaram

Os principes desceram o cesto  
 provando serem de bem  
 -vocês não chorem princesas  
 a perrelo aqui não tem  
 se Agenor estiver vivo  
 com toda certeza vem

Agenor, coitado estava  
 com toda força abatida  
 a sede secava os lábios  
 a fome cortava a vida  
 por felicidade a luz  
 lhe iluminava a guarida

Neste momento Agenor  
 estava oprimido sofrendo  
 dizia: aqui morrerei  
 neste sofrimento horrendo;  
 foi quando Agenor viu  
 o grande cesto descendo

Quando Agenor viu o cesto  
 na sua espada pegou  
 como tambem os 2 liquidos  
 e no cesto se sentou  
 deu um vai e vem na corda  
 quem estava em cima puxou

Agenor chegou em cima  
 viu a luz do sol brilhar  
 conhecendo logo Esmerina  
 disse: eu estarei a sonhar?  
 a alegria de ambos  
 não se pode calcular

O cachorro de Agenor  
 que chamava-se gigante  
 abraçava no pescoço  
 dava pulo interessante  
 dando uma prova que era  
 amigo firme e constante

Agenor perguntou a elas:  
 o que foi que aconteceu  
 com Agripino e Maurillo?  
 Esmerina lhe respondeu:  
 demore que vais saber  
 tudo quanto aconteceu

Reuniram-se as princesas  
todo passado contaram  
as aflições dolorosas  
e os desgostos que passaram  
e a grande felicidade  
quando os príncipes encontraram

Está vendo aqueles príncipes?  
foi a nossa salvação  
vinham da Grécia ao Egito  
cumprindo uma missão  
entregarem uma embaixada  
a um rei de outra nação

Nós estávamos chorando  
os príncipes apareceram  
nós lhe pedimos socorro  
e ele nos atenderam  
ai travou-se uma luta  
e os 2 covardes morreram

Depois da luta os príncipes  
vieram nos perguntar  
se nós tínhamos noções  
do roteiro pra voltar  
nem uma das três sabiam  
não podíamos ensinar

Neste momento o cachorro  
soltou um uivo de dor  
dando entender aos príncipes  
que era conhecedor  
e que sabia ensinar  
onde estava o seu senhor

Os príncipes vendo essa ação  
seguiram rapidamente  
disseram: vamos, princesas  
esse cão ensina a gente  
nós seguiremos atrás  
e ele sempre na frente

Até que chegamos aqui  
aonde estavas detido  
se não fosse esse cachorro  
estava tudo perdido  
não podíamos voltar  
e você tinha morrido

Agenor abraçou seu cão  
um dos amigos leais  
curvou-se aos pés dos príncipes  
dizendo: não sofro mais  
e entregou a Esmerina  
os dois líquidos colossais

Como também o anel  
que ele tinha guardado  
entregou a Esmerina  
o talismã invejado  
porque ele nas mãos dela  
ia dá bom resultado

O vidro do líquido verde  
Esmerina destampou  
em cima da grande pedra  
num canto e outro pingou  
tudo que estava encantado  
ali se desencantou



Os príncipes se admiraram  
quando viram a raridade  
transformou-se aquela pedra  
em uma grande cidade  
sendo a mais rica e bonita  
encanto da mocidade

Então os nomes dos príncipes  
eu quero dizer aqui  
um do outro era irmão  
o mais velho era Nabi  
então o príncipe mais moço  
chamava-se Carobi

Numa grande catedral  
muito asseada e fina  
casou Nabi com Odete  
Carobi com Enedina  
por derradeiro Agenor  
casou-se com Esmerina

Realizou-se o sonho  
que Agenor teve outrora  
acabou-se o sofrimento  
tudo ali era melhora  
ficaram os três dominando  
o Reino da Branca Aurora

F I M — Juazeiro, 4/12/1.976

469

# Literatura de Cordel

## José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.  
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

### A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7  
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café São Miguel, dentro do Mercado  
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707  
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Trayessa Dr, Carvalho, 70 — Bayeux  
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb  
E Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — R N.

MARIA JOSÊ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9  
Guará 2 — Brasília — DF

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695  
Lote 4, final de Onibus, 745 Cascadura  
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES

Av. Santana do Ipanema, 315  
Bairro Cruz das Almas — Maceló — Al.